

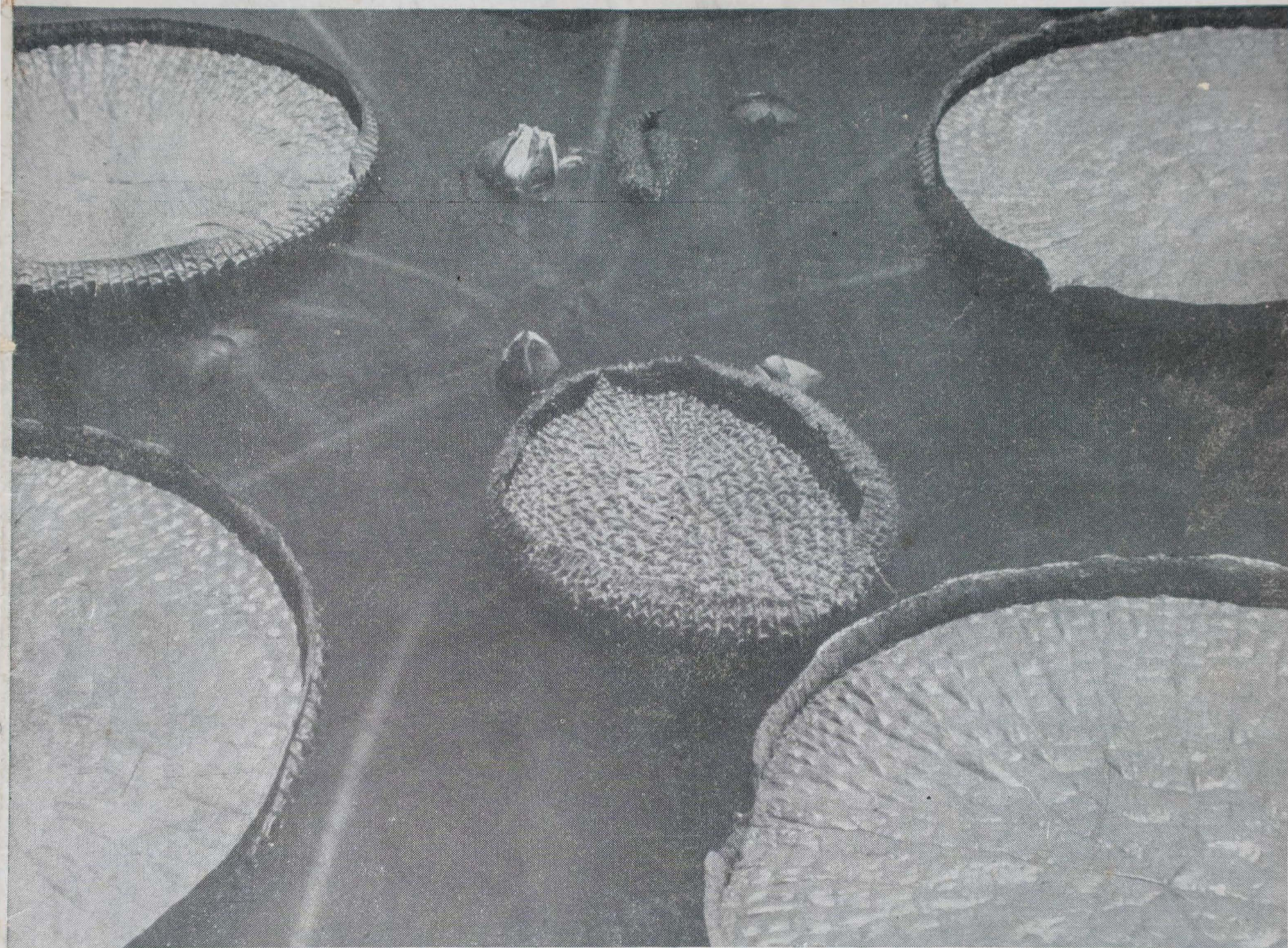
Foto-cine Clube Bandeirante

S. PAULO — BRASIL

BOLETIM

MARÇO - 1949

ANO III — N.º 35



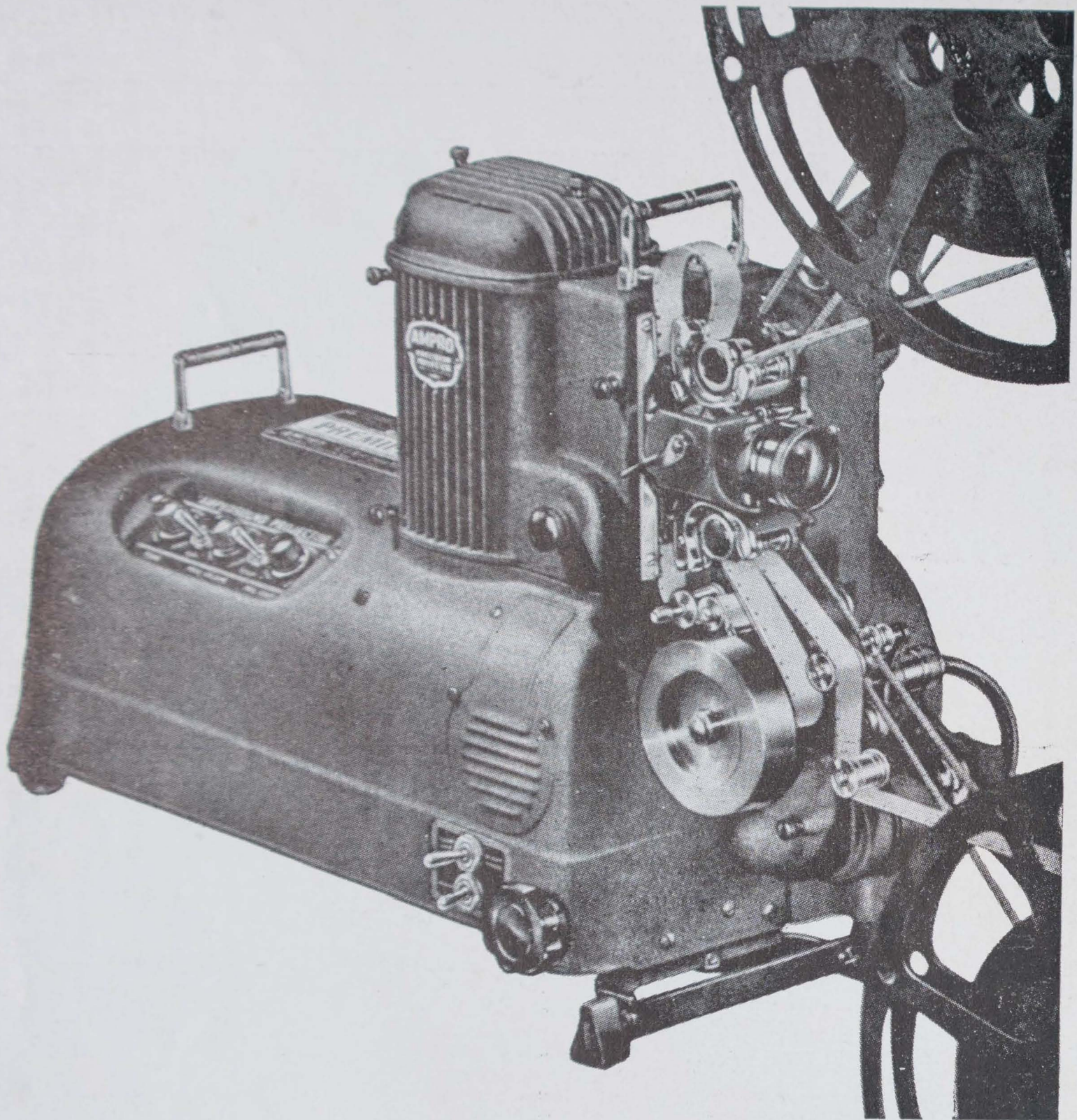
"VICTORIA REGIA"

Asterio Rocha

FOTO
ACESSÓRIOS
CINE

Simon Kessel
Importador

Rua Conselheiro Crispiniano, 404 - S/ 211 - Tel. 6-4198 - Caixa Postal, 2971 - São Paulo



AMPROSOUND "PREMIER 20"

Projektor para filme sonoro de 16 mm. — Lampada de 650-1.000
Watts, com porta giratória para facilitar a limpeza.

Equipado com velocidades para filmes sonoros e mudos, e com reversão

Léve, compacto e portátil, com desenho bastante simplificado. Nas escolas é um projetor ideal para ser empregado em classes ou auditórios pequenos e médios. Nas indústrias proporciona um excelente meio para instruir os vendedores e aumentar os negócios. No lar proporciona uma projeção de qualidade profissional com um funcionamento fácil.

No AMPRO "PREMIER 20" incorporaram-se os resultados de mais de um decênio de experiências anteriores à guerra na construção de projetores de precisão de 16 mm. — mais os conhecimentos obtidos nas rigorosas provas a que foram submetidos os aparelhos AMPRO nas frentes de batalha. De todas essas experiências resultou um projetor robusto, de 16 mm., capaz de proporcionar um funcionamento contínuo e eficiente mesmo nas condições mais adversas.

ACABAMOS DE RECEBER

FOTOPTICA

Foto · Cine · Otica

Foto · Cine · Otica

Rolleiflex Automático, 6x6 cm. último modelo, Zeiss Tessar azulada 1:3.5; 7.5 cm. obt. Compur Rapid 1-1/500 seg. automático, 12 fotos sobre filme 120, mala de prontidão, novo	Cr.\$ 7.863,00
Zeiss Ikonta Miniatura 2.4x3.6 cm. Novar 1:3.5; 4.5 cm. obt. 1-1/250 seg. automático, para filme de 35 m/m. mala de prontidão, novo	Cr.\$ 3.200,00
Zeiss Ikonta 4.5x6 cm. Novar 1:4.5; 7.5 cm. obt. 1-1/250 automático 16 fotos sobre filme 120, mala de prontidão, novo	Cr.\$ 2.400,00
Zeiss Ikonta 6x6 cm. Novar 1:4.5; 7.5 cm. obt. 1-1/250 automático, 12 fotos sobre filme 120, mala de prontidão novo	Cr.\$ 2.700,00
Zeiss Ikonta 6x6 cm. Novar 1:3.5; 7.5 cm. obt. 1-1/250, automático, 12 fotos sobre filme 120, mala de prontidão novo	Cr.\$ 3.400,00
Zeiss Ikonta 6x6 cm. Tessar 1:3.5; 7.5 cm. obt. Compur Rapid 1-1/500 seg. 12 fotos sobre filme 120, mala de prontidão, novo	Cr.\$ 4.000,00
Zeiss Ikonta 6x9 cm. Novar 1:4.5; 10.5 cm. obt. 1-1/200 seg. automático, 8 fotos sobre filme 120, mala de prontidão, novo	Cr.\$ 2.800,00
Ultima Novidade	
Aparelho fotográfico Beacon II com flashgun (disparador automático de lâmpadas relâmpagos com refletor) 3x4 cm. 16 fotos excelentes sobre filme 127. visor ótico, linhas elegantes, mala de prontidão, novo	Cr.\$ 696,00
Beacon I 3x4 cm. o modelo sem flashgun, mala de prontidão, novo	Cr.\$ 400,00
Relabox 6x9 cm. aparelho de qualidade. 8 fotos 6x9 cm. ou 16 fotos 4.5x6 cm. com intermediário. filme 120 ou 620. Construção inteiramente de metal. obturador para pose e instantâneo. diafragma, filtro amarelo embutido. visor ótico. montador. alavanca para transporte do filme. alça para carregar o aparelho. parasol, só	Cr.\$ 180,00
Mala de prontidão, de couro de primeira qualidade com tiracolo 2.4x6.6 cm. aparelho Argus A2. Anastigmat 1:4.5. 5 cm. obt. 1/150 de seg. para filme de 35 mm. mala de prontidão, novo	Cr.\$ 120,00
2.4x3.6 cm. Argus 2I Markfinder com visor especial Cintar. 1:3.5; 5 cm. obt. 1/10-1/200 seg. com refletor e dispositivo de disparar lâmpadas flash, mala de prontidão, novo	Cr.\$ 1.120,00
2.4x3.6 cm. aparelho Argus C3. com telemetro conjugado. Cintar 1:3.5; 5 cm. obt. 1/10-1/300 seg. para filme 35 mm/m com refletor e dispositivo de disparar lâmpadas flash. mala de prontidão, novo	Cr.\$ 2.440,00
6x6 cm. aparelho Reflex Argoflex Anast. 1:4.5; 7.5 cm. obt. 1/10-1/200 seg. 12 fotos sobre filme 120, mala de prontidão, novo	Cr.\$ 2.740,00
6x6 cm. aparelho Reflex Argoflex modelo EF Anast. 1:4.5; 7.5 cm. obt. 1/10-1/200 seg. com refletor e dispositivo de disparar lâmpadas flash, 12 fotos sobre filme 120, mala de prontidão, novo	Cr.\$ 2.640,00
6x6 cm. aparelho Reflex Argoflex modelo EF Anast. 1:4.5; 7.5 cm. obt. 1/10-1/200 seg. com refletor e dispositivo de disparar lâmpadas flash, 12 fotos sobre filme 120, mala de prontidão, novo	Cr.\$ 3.240,00
Fotometro Weston Master II com mala de prontidão	Cr.\$ 800,00
Bolsa especial de couro finíssimo com diversas divisões para carregar aparelhos Leica, Contax, Rolleiflex, etc., com filmes, filtros, parasol, flash, lâmpadas e outros acessórios, só	Cr.\$ 560,00
Relógio sincronizador Time-O-Lite para medir intervalos de tempo 1-60 minutos, 110 volts	Cr.\$ 570,00
Relógio interruptor Time-O-Lite controla tempo de exposição na ampliação e copia. acende e apaga a luz automaticamente, 0-60 segundos, 105-125 volts	Cr.\$ 880,00
O mesmo para 220 volts (60 ciclos)	Cr.\$ 1.000,00
Oculos norte-americanos tipo Rayban com lentes verdes e armação dourada	Cr.\$ 100,00
Lupa de aumento norte-americana em armação e com cabo de lucite, diâmetro da lente 35 m/m., só	Cr.\$ 40,00
Novidade — Oculos de motociclista original Polaroid, com completo jogo de filtros para qualquer tempo	Cr.\$ 150,00

FOTOPTICA

RUA S. BENTO, 359 - TELEFONE, 2-4900 -:- RUA 7 DE ABRIL, 102 - TEL., 4-0788
 CAIXA POSTAL, 2030 - End. Telegráfico: FOTOPTICA S. PAULO — SÃO PAULO
 ESCREVAM OU VISITEM-NOS — ATENDEMOS PELO REEMBOLSO.



Capture as côres do Arco-Íris

Obtenha fotografias em côres naturais que são a reprodução fiel dos objetos fotografados, usando "Ansko Color".

Com "Ansko Color", seu prazer de fotografar toma novo incremento e, V. obterá lindas transparências para projetar ou, si preferir, ampliações em qualquer tamanho.

Fotografar com Ansko Color é fácil e os resultados excelentes. Peça informações detalhadas nas boas casas do ramo.



À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

Atelier para aprendizagem e aperfeiçoamento.

Sala de leitura e Biblioteca especializada.

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres do país e do exterior.

DEPARTAMENTOS :

Fotográfico
Cinematográfico
Secção Feminina

	Cr\$
Joia de admissão	50,00
Mensalidade	20,00
Anuidade (recebida sòmente nos meses de janeiro a março de cada ano	200,00

Os sócios do interior e outros Estados e da secção feminina gosam do desconto de 50%.

R. S. Bento, 357 - 1.º Andar
— Telefone: 2-0937 —
SÃO PAULO — BRASIL

A Nota do Mês

Ao vaticinarmos, destas mesmas colunas, em nosso número anterior, o exito da CAMPANHA PRÓ SÉDE PRÓPRIA, em vias de ser iniciada pelos órgãos dirigentes do Foto-cine Clube Bandeirante, pretendiamos, tão sòmente exalçar mais um empreendimento de vulto a que se abalançava esse grupo de mágicos e saltibancos, num passe espetacular de solidificar a fumaça, às barbas da assistência.

Em espetáculos dessa natureza, sòmente quando a pres-tidigitação é operada com a colaboração dos espectadores, gera-se uma atmosfera de intensa expectativa, a platéa tórce e cada qual procura descobrir o truque, não com a intenção maldósa de desmascarar o artista, mas obedecendo a uma inclinação natural de pôr á próva a sua própria habilidade, no gênero. E com isso, colabóra. Colabóra sem sentir.

O que aconteceu com a CAMPANHA PRÓ SÉDE PRÓPRIA, foi um passe de magia. Notem bem: magia, não milagre. Trabalho limpo, não macumba.

Lança-se a ideia e antes mesmo de oficializá-la, pelos tramites exigidos em casos que tais, chovem as adesões, num entusiasmo contagiante e jamais esperado. Resultado: em poucos dias já se póde considerar o assunto passado em julgado. Não se indaga mais si o "Bandeirante" vai adquirir a séde própria. Pergunta-se qual o dia da mudança. A Campanha saiu vitoriosa do nascedouro.

Porque ?

(Curiosidade, interpretação, análise são os defeitos soberbos do homem).

O simples desejo de melhores acomodações, só por si, nunca poderia ter provocado o verdadeiro turbilhão de entusiasmo a que estamos assistindo. Fatores de ordem apenas material não empolgam dessa maneira.

O que aconteceu, isto sim, foi a nítida compreensão por parte dos associados, das novas perspectivas que se descortinam no terreno cultural e artístico da Fotografia, condicionadas, entretanto, ao bom funcionamento do seu núcleo gerador, ou, em outros termos, á instalação condizente da séde da Entidade.

Mais intenso do que o desejo de adquirir um imóvel, eclodiu um verdadeiro movimento renovador da Arte Fotográfica entre os "bandeirantes" e que está empolgando a neófitos e veteranos. Mas isso será objéto de um próximo comentário.

Por óra, permitam-nos formular também a pergunta: Qual o dia da mudança ?

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotografica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto ás suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrosim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondencia deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - R. S. Bento, 357, 1.º andar, S. Paulo, Brasil.

FOTOGRAFIA

Aldo A. de Souza Lima (F.C.B.)

Chego às raias do desânimo quando, entre aqueles que se interessam pelas artes, ouço falar de fotografia. Ainda ha dias alguém me disse: ... "esta sua artezinha mecanizada, de brometo de prata metido a pintura, não tem "chance". Não tem "chance" porque? Porque, infelizmente, a grande massa apreciadora das artes (é bom frisar que falo da grande massa) desconhece, quasi completamente, as magníficas possibilidades da fotografia e as suas tremendas dificuldades. Acham que a fotografia é uma espécie de milagre e, como tal, pertence áquele pessoal esquisito que, normalmente faz mágicas. Basta vêr o que se passa nas exposições. Tomemos, por exemplo, o caso da pintura.

Dentre o grande número de pessoas que vai a exposições, distinguimos, assim por alto, três categorias. Na primeira temos aquelas que não conhecem nem sentem nada daquilo e que lá estão porque é "chic", ou por não ter outra coisa que fazer ou apenas para se abrigar da chuva. São os que chegam pertinho dos quadros, leem o nome, falam em algo parecido que viram na casa de não sei quem. Mas até estes respeitam: falam baixo, acham "coisa maravilhosa" e tomam um aspecto submisso de quem está numa terrível situação de inferioridade.

No outro grupo, estão os afeiçoados sinceros, os amadores, os iniciados. Estes, verdadeiramente, rendem deliciosa homenagem ao artista. Estudam, encantados, todos os quadros; verificam a técnica, os problemas resolvidos, pontos de vista, luz, horizontes, emoção, tudo, tudo que o artista fez ou deixou de fazer. São os apaixonados. Deduzem, discutem, distilam, e finalmente concluem.

Vem, depois, o terceiro grupo: os mestres, os críticos, os verdadeiros conhecedores. Observam o conjunto com perfeito conhecimento de causa, julgam-n'o com acerto e guardam seu desejado pronunciamento para, em breve, expressal-o pela crítica de imprensa. Mas destes, a quem se deve o apuramento do senso artístico de qualquer nação, não diz respeito esta conversa. Falamos do grande público e não do particular.

Mas o que houve aqui? Todos respeitaram o trabalho artístico. Deram-lhe o devido valor, pesando-o em todos os seus aspectos e segundo suas capacidades. Numa palavra: interessando-se.

E na fotografia? Na fotografia, com exceção do crítico e dos conhecedores, não é assim. Porque?

Ainda ha dias abriu-se ao público a excelente exposição do Foto-cine Clube Bandeirante, apresentando trabalhos do mundo inteiro. E o que aconteceu? O público foi lá. Olhou para tudo e, imediatamente, as duas primeiras categorias nivelaram-se incontinenti, amalgamaram-se, diluíram-se e transformaram-se numa só frase banal e detestavel: bonito aquele retrato, não?

Nesta frase, que lá ouvi dezenas de vezes, cifra-se a crítica pública da arte fotográfica.

Assim é porque ainda não sabem o que é fotografia. Acham que se aperta o disparador de uma câmara, ouve-se um "clic" e sai um trabalho daqueles.

É verdade que o disparar do obturador é o ponto crítico, mas no que se antepõe e se pospõe áquele pequeno estalido ninguem pensa, ninguem mede o valor porque não tem noção do que seja.

De inicio a coisa é a mesma: criação abstrata do que se deseja fazer — a idéia. Daí partimos para a arrumação do "set" e obtenção do modelo adequado. Já aqui se apresenta uma dificuldade por vezes insolúvel: o modelo.

O modelo fotográfico não é o mesmo que o da pintura. O pintor pode encontrar, e é bem mais comum, um corpo excelente com um rosto que não condiz. Dele se extrairá tudo o que serve compondo o que deixou de servir. Em fotografia não. Os retoques existem, não há dúvida, mas têm que ser levíssimos: o "make up" idem. Assim, o modelo fotográfico tem que realizar, quasi inteiramente, a idéia e, por vezes, é difícilmo encontrá-lo.

Em seguida vem o ângulo. Sim, porque o modelo, via de regra, só poderá servir sob determinados ângulos. Conhecidos estes e disposto o "set" chegamos ao problema das luzes. Não se pinta com tintas de diversos tons mas sim com diferentes gradações obtidas por variações de luminosidades. Spot-lights, floods, luz de conjunto, para espargir sombras fortes, luz para certos briihos, luz para o "set" e para o fundo. E não é só acendê-las. É necessário distancia-las exatamente dos objetos iluminados; projetá-las sob ângulos adequados, escolhe-las com intensidades variadas. Em suma, um inferno de luzes que, além do mais, custam uma pequena fortuna e têm vida bastante limitada.

Quando tudo isto está bem, vem o retoque da pose. O pintor pode corrigi-la posteriormente; o fotografo não. É necessário

obter a posição exata de todo o conjunto e de cada uma das partes de per si. Atingida tal solução, acendem-se as luzes e, por vezes, lá se vai a pôse. A luz excessiva produz no modelo inexperiente uma retração natural que, não raro, perturba, completamente, a pôse original. A seguir a parte técnica propriamente dita. Medição de luz, ajuste de foco, tempo e abertura e, por fim, o famoso "clic". A este seguem-se dois, três e por vezes quatro novos disparos com variações num dos fatores acima.

Julga, geralmente, o leigo, que termina aqui o trabalho fotográfico. Mas no caso das chapas artísticas estamos, simplesmente, no fim da primeira etapa. Passamos ao laboratório. Revelação com tempo, temperatura e drogas minuciosamente escolhidas. Cópia para estudo de recortes. Delicados

retoques que, pelo mais leve deslize, estragam todo o trabalho. E, finalmente, o ampliador. Aqui a técnica pode efetuar verdadeiros milagres. Por meios de artifícios diversos se introduzem novos matizes, novos efeitos, novos fatores do valor artístico da futura fotografia.

Seguem-se os banhos finais, o corte e a montagem. Até aqui influe o gosto artístico do fotógrafo. A colocação da montagem, sua textura e seu tamanho, são motivos de êxito ou fracasso de uma foto.

E depois... Depois a exposição e como brilhante vitória pública o grande elogio dito ao acaso:

Bonito retrato aquele, não?

(Transcrito do JORNAL DAS ARTES)



NO "ALTO DA SERRA":



Alguns dos "bandeirantes" que participaram da primeira excursão do ano:— a partir do alto: Palmério, Da. Elza, Trevelin, Nelson, Chiquito, Victor, Morales, Yoshida, Latorre, Otsuka, Anderaos e Fiore.

COMBINAR PAPEL E NEGATIVO

Transcrito de FOTOCAMARA

Percy W. Harris

Imaginemos haver obtido um bom negativo de um assunto do tipo normal: nele temos as sombras bem detalhadas e a gama tonal é tal, que representa, ao inverso, as proporções relativas ao original. Esse negativo nos dá a impressão de ser "justo". Que poderemos fazer, então, para obter a copia perfeita que é o objetivo de todo o verdadeiro amador?

Duas são as propriedades de um papel fotográfico que exercem grande influência nesse sentido e que, com frequência, se confundem: a primeira, é a escala de densidade e a segunda, a escala de exposição. A primeira corresponde às diferentes densidades refletidas que o papel é capaz de dar e que vão desde o branco puro (papel não exposto) ao preto mais profundo. Si tomarmos uma rola de papel, cobrirmos a metade e expuzermos a outra metade de maneira a que toda a prata contida na emulsão fique afetada, e logo a revelarmos a fundo em revelador adequado, obteremos o preto mais profundo que o papel é capaz de dar e também a luz mais brilhante que é possível obter-se com ele. Si medirmos a luz refletida pela parte branca e pela preta, sucessivamente, obteremos então a escala de densidade. A parte branca refletirá a quasi totalidade da luz que a ilumina, enquanto que a preta refletirá muito pouca luz, mas sempre refletirá alguma. Os papeis brilhantes, por estranho que pareça, são os que menos luz refletem nos seus negros (salvo num determinado ângulo especial em que recebem a luz); a escala dos papeis brilhantes é de 50 a 1; quer dizer que si o branco reflete 50 unidades o preto refletirá apenas 1. Os papeis mates, no melhor dos casos, somente nos darão uma escala de 20 a 1. Os papeis semi-mates situam-se entre ambos esses extremos.

Observe-se que a escala de densidade de um papel não tem nada que ver com o contraste; com um determinado tipo de papel — digamos, uma superfície aveludada —, a escala de densidade ha de ser precisamente a mesma apesar do grau de contraste suave, normal, duro ou extra-duro. O importante, o que não devemos perder de vista é que, seja qual for a escala de luminosidade que poderemos ter no negativo não poderemos conseguir no papel, escala maior do que 50 a 1. Somente no caso de um diapositivo para projeção poderemos conseguir uma escala maior e essa é a razão pela qual um diapositivo bem executado e bem projetado proporciona resultados mais satisfatórios do que uma copia.

A latitude de exposição é cousa completamente diferente. Esta relacionada com a escala de intensidades luminosas que se necessitam para produzir uma copia que possua uma escala completa de tonalidades úteis, desde o branco ao preto. Assim, por exemplo, si uma unidade de luz produz no papel, depois de revelado, um "gris" apenas perceptível e se necessitam cinquenta unidades de luz para produzir o preto mais profundo, podemos dizer, então, que esse papel tem uma escala de exposição ou uma latitude de 50 a 1. Podemos medir com toda facilidade a escala aproximada de exposição de um papel, expondo um pedaço de papel em etapas parciais de maneira a que cada uma receba o dobro de luz da anterior. Revelando esse pedaço de papel a fundo, fixando-o e lavando-o, poderemos examiná-lo para ver quantas etapas, começando desde o cinza mais leve, são necessárias para chegar ao negro mais profundo. Essas etapas são em ordem de 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64 e 128. Assim, se o preto o encontramos na sexta etapa, nosso papel terá uma escala de 32 a 1; si, porém, o encontrarmos na sétima etapa, a escala será de 64 a 1. Os papeis que possuem escalas grandes, são os chamados "papeis suaves", e os que tem escalas curtas são os papeis "duros". Os termos suave, normal e contraste, são termos gerais, pois o grau "suave" de um fabricante não é necessariamente o mesmo que o de outro. Os papeis suaves têm uma escala de exposição entre 40 e 70 a 1; os normais entre 25 e 30 a 1; os duros, contrastados ou vigorosos, entre 6 e 10.

O papel ideal para copiar deveria registrar fielmente, dentro dos limites de sua latitude de exposição, uma exata proporcionalidade de enegrecimento com a exposição. Quer dizer, que ao longo de sua escala, iguais aumentos do tempo de exposição produziriam o correspondente aumento proporcional de enegrecimento. Para falar em termos mais científicos, a curva ligando o log. de exposição com as necessidades de reflexão, seria uma linha réta.

Desgraçadamente, ainda não se atingiu o ideal e todos os papeis apresentam uma distorção tonal nos extremos da escala. As diferenças que se constataam entre diferentes papeis são atribuidas a variações dessa distorção e que o perito pode apreciar facilmente.

Depois deste longo preambulo, podemos voltar novamente ao nosso negativo, que permanece por copiar. Que faremos com ele? Si o revelarmos para obter um

contraste médio, afim de poder ser ampliado, provavelmente deverá ser copiado em papel normal. Quer dizer que si copiarmos bem a fundo para que as altas luzes se registrem corretamente, as sombras não ficarão empastadas. Porém, que sucederá si o motivo tem uma escala de luminosidade muito ampla? Suponhamos que a alta luz mais forte, na qual queremos ter detalhes, é cem vezes mais luminosa que as sombras mais profundas, as quais desejamos também detalhadas. Não devemos esquecer que o grau de contraste no negativo é governado pelo tempo de revelação. Quer dizer, maior revelação, maior contraste (dentro de certos limites, é claro). Quando o contraste do negativo é igual ao do motivo quer dizer que o revelamos a uma gama de 1. Porém, como a maioria dos negativos miniatura se revelam a gamas de 0.75 a 0.8, isso quer dizer que no negativo teremos apenas 75 a 80% do contraste do motivo original. Supondo uma gama de 0.8, nosso negativo terá uma escala de 80 a 1 contra a de 100 a 1 que tinha o original.

Porém si o papel a ser usado possui uma escala de apenas 25 a 1 e o negativo um contraste de 80 a 1, que sucederá ao ampliá-lo?

Si copiarmos dando exposição para as luzes que requerem 80 vezes mais exposição que as sombras, nossas sombras, assim como todas aquelas partes do negativo que necessitam menos de 1/25 da exposição das altas luzes, ficarão, na copia, completamente pretas. Por outro lado, si copiarmos para as sombras, de maneira que não espastem e nos dem detalhes perceptíveis, qualquer outra parte do negativo que necessita 25 vezes mais exposição do que aquelas sombras, não será copiada e aparecerá no papel completamente branca. Em termos comuns: a copia será demasiadamente dura.

O remédio, é claro, está em escolher um papel cuja escala se aproxime do contraste do negativo. Ora: um contraste de 80 a 1 é quasi o limite máximo do papel mais suave que poderemos obter. Nossa copia, assim teria algum detalhe nas luzes mais fortes enquanto que as sombras mais densas seriam pretas. Assim, se o papel combina bem com o negativo, podemos copiar todo o contraste do mesmo; lembremo-nos, porém, que o papel não poderá reproduzir uma escala de luminosidade de 80 a 1, pois já vimos que a melhor escala de densidade que é possível conseguir com papel brilhante é de 50 a 1 e muito menos com papéis mate.

A escolha do papel, portanto, é coisa que deve ser feita com muito tino. Se as

sombras são pequenas e de pouca importância obteremos um efeito muito melhor, utilizando um papel cuja escala de exposição seja mais curta, porque permitirá obter essas sombras. Na verdade, em benefício de certos efeitos artísticos em trabalhos pictóricos, vale a pena falsificar um pouco os valores das sombras. Por outro lado, quando as sombras são muito importantes, teremos que copiar tendo em vista essas sombras e sacrificando as altas luzes; mas si estas são as importantes, as sombras terão que ser sacrificadas.

Se copiamos um negativo de escala de luminosidade curta em um papel de escala ampla, a exposição requerida para as luzes fortes não será bastante para que as sombras tenham bons negros e o efeito total será uma copia cinzenta; se copiamos as sombras de forma adequada, as luzes ficarão cinzentas, sujas. Igualmente se copiamos num papel de escala curta, um negativo de escala ampla, as sombras ficarão de um preto retinto antes que as luzes tenham adquirido algum valor.

O mal, no caso do amador que procura dominar a arte de copiar e ampliar, é que ele não começa por aprender a relacionar a escala do negativo com a escala do papel.

Uma certa elasticidade pode ser conseguida, utilizando a conhecida técnica das variações do revelador. Por razões que não vale a pena detalhar aqui, as copias quasi sempre devem ser reveladas a fundo, com todo seu contraste e uma copia revelada insuficientemente, si bem que menos contrastada, resulta de qualidade pobre. Alguns reveladores ao brometo, são levemente mais contrastados que outros. O azol, por exemplo, produz uma copia mais suave que o metol-hidroquinone. Não é aconselhável todavia, depender das variações do revelador como meio de controle do contraste. É muito melhor começar por escolher acertadamente o grau do papel.

O segredo da boa qualidade das copias está encerrado nas seguintes regras:

- 1) O negativo deve ser de boa qualidade e não velado. Um negativo velado nunca nos dará os negros gostosos e esquisitos que procuramos, nem as luzes de delicada gradação.
- 2) A escala do papel deve estar de acordo com o contraste do negativo.
- 3) O revelador deve ser novo e usado a uma temperatura não inferior a 18°, e melhor ainda, de 21° a 23°.
- 4) A revelação deve ser a fundo e levada até o ponto em que já não produz mais o enegrecimento da copia.

O ENLACE RECHULSKI-FARKAS

Realizou-se no dia 6 do corrente mês, o enlace matrimonial do nosso prezado consocio Thomaz J. Farkas com a gentil Srta. Melanie Rechulski.

O "Farkinhas", autentica "prata da casa" nos havia trazido, radiante, a grata comunicação que encheu de satisfação toda a "família bandeirante", pois a gentil Srta. Melanie, cuja simpatia e jovialidade já era de todos nós conhecida e admirada, forma com o nosso estimado Farkas, um casal verdadeiramente feliz. E a cerimonia, decorreu envolvendo os convivas na radiante alegria que os dominava.

Os "bandeirantes" estão jubilosos pela grata união e renovam por nosso intermédio os mais sinceros votos de uma vida extremamente venturosa e cercada da mais completa prosperidade, como bem merece o jovem casal.

— x —

No clichê, um interessante flagrante colhido quando os nubentes passavam, após a cerimonia, sob o arco formado pelos tripés e cameras dos seus companheiros de Clube.



P I L U L A S C I A N I D R I C A S

QUARENTENA — Contaram-me que o Trevellin foi um dos mais corajosos na excursão do Alto da Serra. Ele se embrenhou pelos matos e nem ligou para os "borrachudos". Aconteceu, na segunda-feira, que o Trevellin teve necessidade de fazer um exame médico e, ao ser visto todo marcado de pontinhos vermelhos, foi colocado sem qualquer explicação num quarto hermeticamente fechado e com um cartaz à porta: "QUARENTENA — SARAMPO"...

CONSEQUÊNCIAS DO CARNAVAL — O Laerte é um dos novatos mais alegres da última geração "bandeirante". Quando ele sumiu por alguns dias e reapareceu com a cabeça "remendada", todo mundo desejava saber o que havia ocorrido. Então ele contou:— Eu levei um dos meus sobrinhos à Santos comigo no Carnaval e o "diabo" do garoto "me tirou uma fotografia dessas que o negativo vale uma fortuna. Na quinta-feira, quando o jantar estava no melhor, ele vem todo lampeiro e mostra o "artístico" trabalho. O resultado aí está... E amigos, como é "duro" um prato de louça...

TÁTICA DE GUERRA — Nos julgamentos de concursos internos quando a Comissão é formada pelo Nuti e Polacow, o salão se torna uma verdadeira fornalha sem chaminé de escoamento. Aqueles solenes charutos fazem tamanha cortina de fumaça que os espectadores do fundo vêem tudo "flou"... Será tática de guerra?

FRANQUEZA — Nós não vamos dar o nome, mas o fato é verídico. Alguem na séde estava comentando

que há dez anos vinha comprando tudo quanto era acessório da Leica. Afirmava ser possuidor de quasi todos e tinha um trabalho tremendo em mantê-los, coisa que lhe roubava algumas horas todas as semanas. Outro alguem que se encontrava na rôda comentou:— Então é por isto que V. ainda não teve tempo de começar a tirar fotografias!?

FILMES DO MÊS

TOSCA — é o qualificativo que se pôde dar à atual séde em vista da nova...

TRAIÇÃO — o prêmio "Florencio de Abreu" da crônica da Revista S. F. F..

FESTA BRAVA — a que haverá na inauguração da nova séde...

TARZAN E AS SEREIAS — o Laerte e as suas pescarias...

COMO MENTEM OS HOMENS — é o que dizem as rodas femininas...

QUATRO IRMÃOS A QUERIAM — com vistas ao Morales, Victor, Latorre e P. Muniz no Estoril...

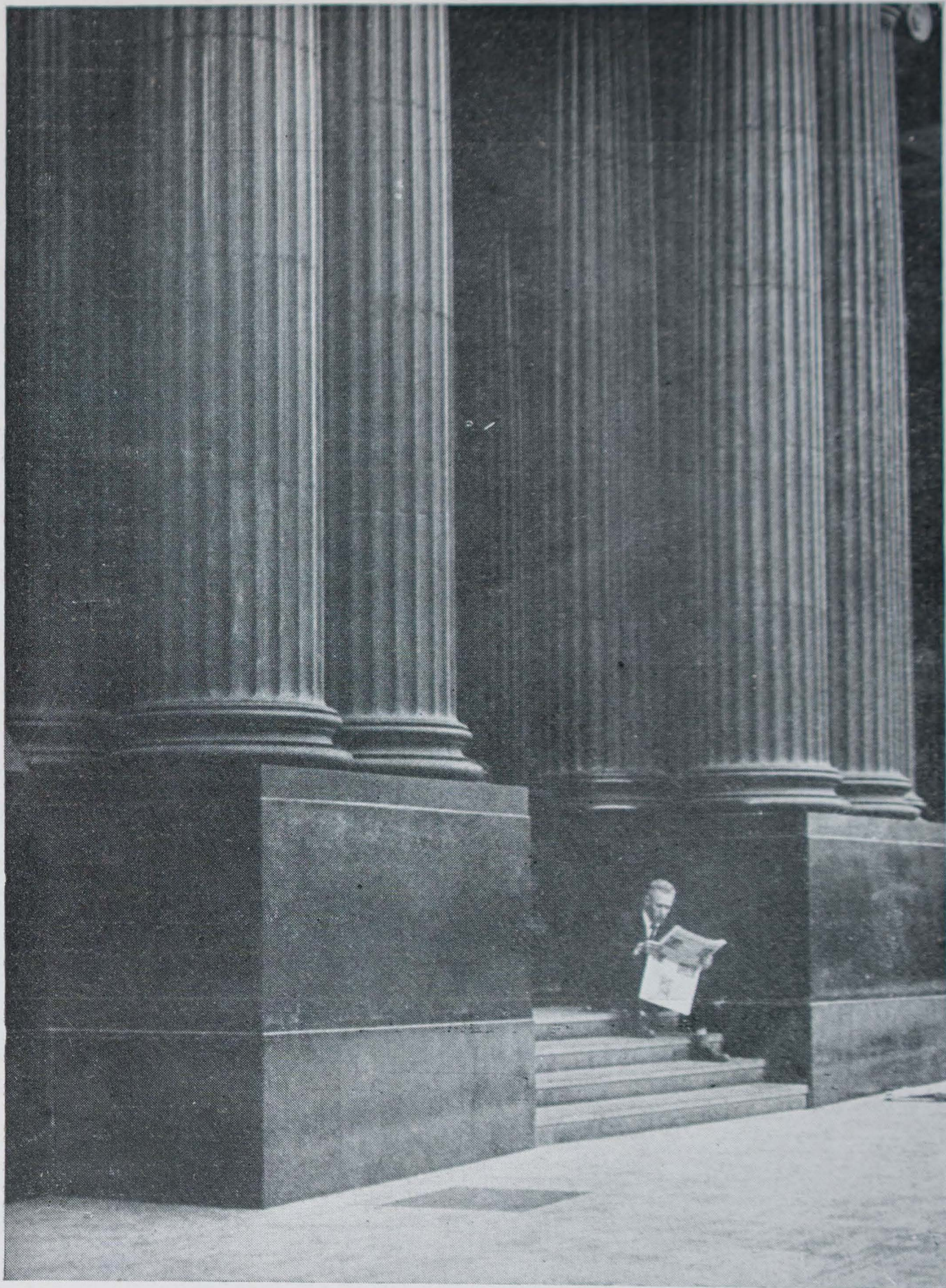
CIANIDRO

AS FOTOGRAFIAS DO MÊS

Sob a epígrafe acima, o Boletim deproduzirá todos os meses, algumas das fotografias que melhor classificação obtiverem nos concursos internos do Clube, nas várias categorias em que se dividem os concorrentes.

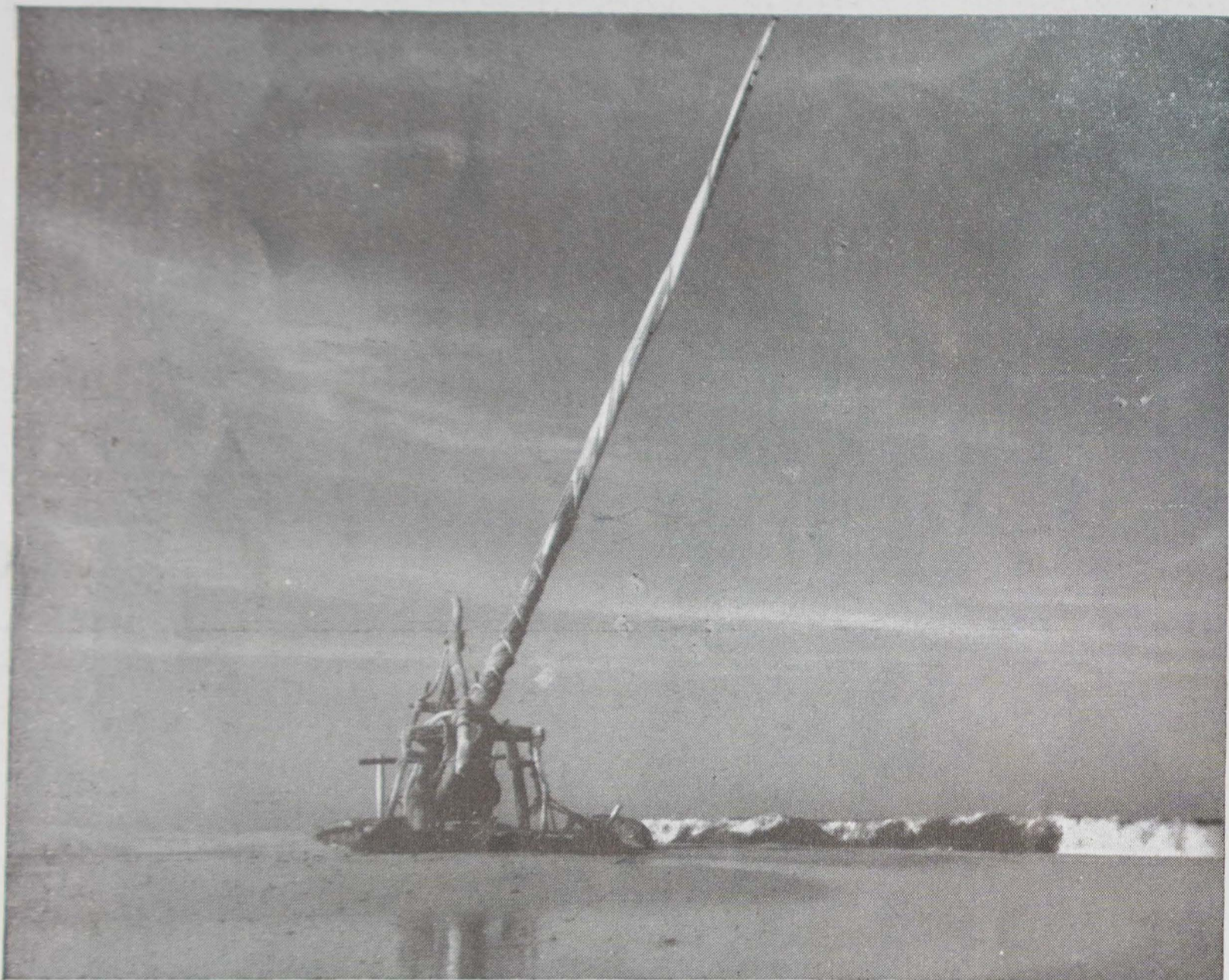
Ilustram este número, trabalhos apresentados no concurso relativo ao mês de fevereiro p p..

As Fotografias do Mês



"SETE COLUNAS"

Sergio Trevelin



"DESCANÇO"
Carlos Comelli



"PRAIA"

Paulo S. Takayama



"LELETINHA"

Abilio M. Castro

O PRIMEIRO CONCURSO INTERNO

COMPUR

Não poderia ser mais auspicioso o início dos concursos fotográficos internos do corrente ano. É verdade que os concursos sob "tema livre", por motivos facilmente compreensíveis, sempre são mais concorridos. Mas, não nos ocorre a lembrança de outro que tenha reunido tantos trabalhos — nada menos que 140 — e, o que é mais importante, que apresentasse tantos trabalhos de alta qualidade.

Com efeito, contam-se às dezenas, neste concurso de fevereiro p.p., os trabalhos que com as pequenas correções apontadas com acerto pela comissão julgadora, são "de salão" como se diz na gíria fotográfica. Um início, portanto dos mais promissores e que nos faz prever que novos e expressivos êxitos serão assinalados pelos "bandeirantes" no decorrer do ano. Desperta ainda a atenção, a quantidade de "novos" que continua a surgir, revelando reais méritos. Este aspecto das atividades do Clube já foi sentido, aliás, no último Salão e, sem dúvida, aos concursos internos, com os proveitosos ensinamentos neles auferidos, é que se deve em grande parte esta renovação de valores que de ano para ano se acentua cada vez mais.

Realmente, depois de algum convívio com os "maiores", depois de participarem ou assistirem alguns julgamentos de concursos internos, mesmo os mais principiantes passam a compreender que a fotografia artística não é a fotografia nítida, com todos os mínimos detalhes mas meramente documentária, nem a paisagem banal e inexpressiva (como é difícil uma boa paisagem!), nem os despreocupados instantâneos ou retratos de "album de família" que os amigos leigos e amáveis ou o balconista inexperto e adulator lhe recomendaram como "fotografia muito boa"... Passam a compreender que a fotografia como Arte, exige mais, muito mais... e que, na verdade, tem razão aquela "turma do Clube", "exclusivista e exigente de mais", argumento com que, na falta de maiores conhecimentos aqueles mesmos amigos ou balconista procuram justificar os naturais desenganos do amator principiante.

Estas reflexões nos ocorrem ao constatar, já neste concurso, o extraordinário progresso que muitos dos participantes "novíssimos" apresentaram desde os primeiros concursos em que tomaram parte no ano passado. Não caberia porém, neste rápido comentário, uma análise mais profunda do que apresentaram todos os concorrentes pelo que nos limitaremos a assinalar os que mais nos despertaram a atenção. Principiemos pelos "seniors":

Gasparian, p. ex., que de algum tempo para cá está se dedicando às composições e por sinal, nos apresenta neste concurso com uma esplendida natureza morta — "Goiabas" (n.º 9) — revela-se também um sério rival do Yoshida, sem dúvida o mais destacado cultor brasileiro do "table-top". E, como os de Yoshida, também os "table-tops" de Gasparian não são aquelas simples fotografias de bonecos, sem qualquer significado, tão ao gosto norte-americano, mas composições de grande "senso de "humour", por vezes, ótimas sátiras a situações e fatos comuns. Haja visto, p. ex., a excelente composição "La coquete" (n.º 10) de intenso sabor parisiense, retratando fielmente o famoso Montmartre com seus cafés, seus apaches e "midinettes".

Albuquerque, como sempre primoroso na técnica, tem em "Atracados" (n.º 3) uma ótima cena de porto, tratada com muita segurança quer no ângulo da to-

mada de vista quer na execução. "O Diretor" (n.º 4), no qual jogou muito bem com o primeiro plano desfocado e composto pelos cabos dos "spots" e refletores através dos quais se vê, vigorosa e expressiva, a figura do modelo — seria seu melhor trabalho não fosse o refletor no canto esquerdo prejudicando sensivelmente a composição.

Salvatore, no tão explorado Edifício Thomaz Edison ainda descobriu um novo ângulo do qual resultou uma bela fotografia, a melhor dentre as que apresentou, neste concurso, já que em "Ambição" (n.º 11) com o papel que empregou não obteve todo o rendimento que poderia colher do negativo.

Dentre os "juniors", Agostinelli, recém-promovido conquanto ainda se mostre inseguro tecnicamente é, talvez, dentre os da nova geração bandeirante, o que mais vem firmando a própria personalidade. "Cestas" (n.º 17), com pequena correção no corte é um dos trabalhos de "salão" de que acima falamos. Otsuka é outro "junior" novo, que se afirma cada vez mais. "Ondulações" (n.º 21) é um bom trabalho exigindo também corte mais apurado. Já, Palmério, Victor e Tanigaki se apresentam, neste concurso, um pouco displicentes, abaixo do que realmente são capazes de produzir.

Os "novíssimos" como de costume, formam o maior contingente. Bastante numerosos e muitos, estreantes, revelando contudo méritos que muito os recomendam para o futuro. De início é com satisfação que registramos a participação de duas componentes do Dep. Feminino, Da. Maria Cecilia Agostinelli e Srta. Barbara Mors, as quais, aliás, ainda recentemente lograram obter alguns prêmios em concursos para "novos" de que participaram. Sem dúvida, seus trabalhos revelam espírito de observação e pendores acentuados que, com estudo e dedicação as levarão a preencher o vazio que se nota na participação brasileira aos Salões do país e do estrangeiro, no tocante ao elemento feminino. Esperamos que o exemplo seja seguido pelas demais componentes do nosso Departamento Feminino.

"Ilha á vista" (n.º 45) de Alderighi é outro exemplo de que, às vezes, os primeiros planos fóra de foco em nada disturbam o quadro; antes, pelo contrário, acentuam-lhe a profundidade. Os demais trabalhos deste esforçado amator, conquanto bem executados se resentem de um certo caráter documentário que, evidentemente, fôge á finalidades artísticas.

Desse mal se resentem também os de Pugliese, cujo "Horas calmas" (n.º 103), merece entretanto ser salientado.

De Abilio M. Castro, destaca-se "Leletinha" (n.º 53), retrato bem iluminado, com boa plástica, enquanto Comeli tem em "Descanço" (n.º 56) um quadro simples mas, por isso mesmo, bastante expressivo.

Laerte e Figueira, são dois outros estreantes que sobressaem neste primeiro concurso, o primeiro com "Matungo Solitário" (n.º 66) um quadro bastante regional e o segundo com "Material de arquitetura" (n.º 66) boa composição que merecia, entretanto, melhor tratamento no laboratório.

Lorca, com altos e baixos, realizou um belo quadro em "Paisagem de Massaguassú" (n.º 72), enquanto Moraes, mais firme, tem em "Arranha-ceu" (n.º 91) outro bom exemplo de fotografia arquitetural. Fredi Kleeman é outro estreante que revela boas qualidades, prin-

Cont. na pag. 17

A 1.ª EXCURSÃO DO ANO

Iniciando os passeios programados para o ano de 1949, o Clube realizou na bela e luminosa manhã do dia 20 de fevereiro p.p., uma excursão ao Alto da Serra, (via Anchieta) para onde seguiu a numerosa comitiva, nos carros que o Florence, o Dino, o Morales, Chiquito, Salvatore e o Yoshida gentilmente nos puzeram à disposição.

Bem cedo, saiu a turma e ao atingir o ponto indicado para o início das atividades, os "compur" entraram em função a despeito da tremenda ventania que varria impiedosamente a Serra. Notável, foi a preocupação do Victor, que foi visto enchendo os bolsos de pedras para aumentar o peso...

Alguns mais corajosos foram varando os pitorescos vilarejos que estão se equilibrando nas encostas das montanhas, verdadeiros presepes encravados na rocha. O maior inimigo dos "aventureiros" foram os "carinhosos" borrachudos... Mas, enfrentando o vento, os mosquitos, e os abismos da Serra, os valentes amadores foram penetrando os grotões, subindo e descendo escarpas, varando tuneis, em busca de um ângulo melhor para aproveitar as incríveis e belas formações de nuvens que naquele dia presentearam os excursionistas com caprichosos desenhos, e encontrar adequados "primeiros planos" para os extasiantes panoramas que ali do alto se descortinam.

A descida foi se realizando em estágios mais ou menos demorados, pois, a cada volta da estrada, a paisagem se transfigurava e as "Super" e "Rolleis" passavam a trabalhar. O Trevelin às voltas com as papeletas do "pack" da sua "Speed"; o Morales procurando equilibrar sua Leica num tripé tão esguio como o Victor; O Dino, a se preocupar com o almoço; o Florence a imaginar como iria fazer para subir a serra com o seu Studebaker falhando; o Fiori a distribuir uns gostozos sandwiches; o Anderaos a cavar umas composições com os "tarzanicos" trabalhadores da estrada; Da. Elza, as voltas com as perspectivas dos pilares dos viadutos... Todos, enfim, numa atividade intensa, voando as horas sem que ninguém se apercebesse.

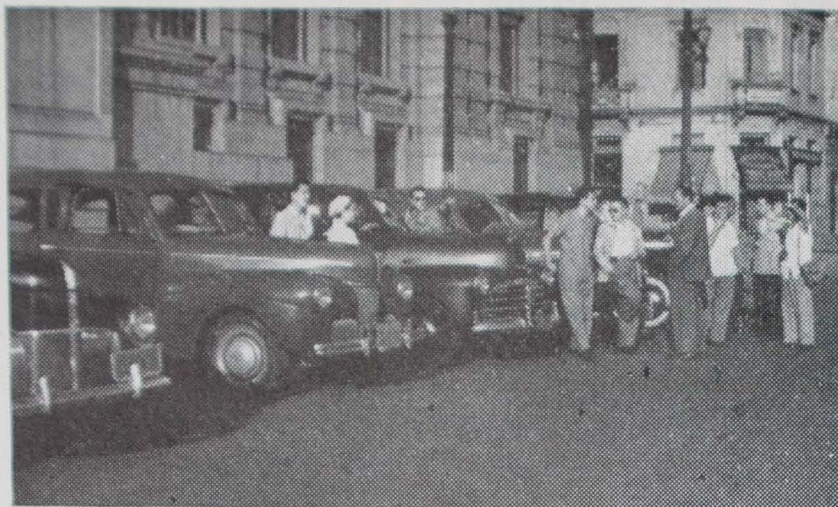
O resto da serra, foi feito em trânsito permanente; o nosso destino, agora era Santos. Ao alcançarmos o Gonzaga, o panorama éra maravilhoso. Os "volantes" dos carros estavam com uma bruta raiva por não poderem admirá-lo convenientemente... mas os comentários os esclareciam...

Uma cervejinha bem gelada para a turma; um mergulho gostoso no mar para o Trevelin; uma série de "venenos"; uma corrida até a cidade e lá estavam todos enfrentando uma soberba "maionnaise"; depois, uma pescadinha com camarão ao molho (Da. Elza é de opinião que assim como não se deve ir á Roma sem ver o Papa, não se vai a Santos sem comer peixe); um sorvete de metro e meio de altura e... todo o mundo na rua para digerir o almoço. Eis que, de repente, uma correria: eram Da. Elza e o Anderaos em busca de um maltrapilho que passára, para servir-lhes de modelo; até pareciam estar disputando uma eliminatória para o próximo campeonato sul americano de atletismo...

Continuamos nosso "giro" indo até S. Vicente, Ponte Pensil, Prainha... o "clássico" grupo, deu azo a acalorada discussão entre o Morales (que "metralhou" a família), o Dino (que afirmou não estarem todos enquadados) e o Victor (que jurou de pés juntos que todos estavam "perpetuados")

Nesse instante, aconteceu o que todos estavam estranhando ainda não haver sucedido: começou a chuva, uma daquelas desesperadas, frenéticas e "vitorio-

sas" chuvas de Santos, "companheira inseparável" dos nossos amigos Salvatore e Victor, os caros "mandachuvas" de todas as nossas excursões santistas. Desta feita o Presidente já não estava, pois havia voltado com o Florence ao meio dia; mas o "Santo" do Victor também é forte, e ele se incumbiu de atraí-la... E que chuva...



Antes da partida

Para completar a tarde, Da. Elza teve a feliz idéia de ir comprar peixe no "Bairro dos pescadores" e lá se foi a caravana em busca das pescadinhas, encerrando de maneira brilhante a primeira excursão do ano.



Um grupo ativo...

O regresso se fez com aquela característica "quebradeira" dos nossos passeios. Voltaram todos alegres, satisfeitos, foto... ..gastricamente falando, e procurando saber quando será a próxima excursão.



Da. Elza não descança um instante...

COMO DIRIGIR UM FILME

Adaptado de U. S. CAMERA
por VICTOR

Texto de Leo Salkin

V. PODERÁ PRODUZIR UM FILME SI REUNIR OS ESFORÇOS DE ESCRITORES, ATORES E TÉCNICOS AMADORES. —

Si é dono de um filmador e pôde aplicar algum dinheiro na aquisição de filme, pode-se afirmar que V. já está em atividade. V. & Cia. ou S/A, naturalmente dependendo de quem e quantos estão agregados a sua compra de filmes.

A partir daí, V. pôde se considerar um diretor de cinema. Será também o produtor, cinematografista, escritor, editor, ator e o homem dos "sete-instrumentos". Isto coloca-o na tradicional posição de muitos dos atuais grandes diretores, quando o cinema como indústria operava nos níveis acima indicados.

Naquele tempo, um diretor quando necessitava de uma história, ele mesmo a escrevia. Também era o diretor de elenco e, para tanto, saía à rua em busca dos tipos adequados e quando os encontrava tinha de prepará-los para poderem interpretar diante da câmera. Também era o gerente da produção e o técnico. Ele improvisava métodos de iluminação e procurava, com um "make-up" muito denso, compensar a pouca sensibilidade dos filmes. O mais importante, no caso, era o desenvolvimento que ele alcançava, através de erros e experiências, dando à camera capacidade de contar história.

Depois de ter sido filmada, o diretor cortava a coordenava a película, o que quer dizer: desde a sua concepção até a final realização ela nunca saíra de suas mãos. O resultado era um reflexo do gosto do diretor, dos seus pensamentos e da sua habilidade. Si o filme fosse bom ou ruim — era sua a criação!

Este tipo de filme individualista não é mais encontrado em Hollywood. O custo da produção está de tal forma elevado e tanto dinheiro é aplicado que qualquer parcela do filme exige uma verdadeira equipe altamente especializada. A finalidade, sem dúvida, é a de evitar erros e reduzir ao mínimo as possibilidades de insucesso.

Na atualidade, o papel do diretor é o de coordenar os esforços de uma equipe estável de escritores, cinematografistas, atores, editores do filme, desenhistas e técnicos. Hoje em dia, os filmes de caráter pessoal só podem ser feitos ou por amadores ou semi-profissionais.

Isto nos traz de volta ao leitor. V. já possui o filmador e o material negativo. A próxima etapa é decidir qual o gênero de filme que irá produzir. Si fôr um filme doméstico, V. não terá necessidade de um roteiro. O filme irá surgindo à medida que for explorando o material que tiver ao seu alcance.

Si desejar realizar um documentário, um filme de ficção ou uma comédia, então necessitará de uma história e de um roteiro. (Si porventura dispuser de tempo suficiente, bastante dinheiro e filmes à vontade, então poderá dispensar o roteiro).

Ao assentar os primeiros projetos, deverá levar em conta as limitações de material, disponibilidades dos artistas e locais para filmagem. Por exemplo: si estiver vivendo na cidade, não queira realizar um filme sobre a vida no campo. Si viver no campo, não sonhe em apresentar os cortiços de uma grande cidade.

Si conhece um rapaz, com qualidades de comediante, procure escrever uma história a respeito dele, sem pretender coloca-lo na interpretação de um desses



dramas de folhetim. Procure obter o máximo do material humano ao seu dispor.

Depois de escrito o enredo — que não deve ser uma coisa muito complicada, bastando uma rápida síntese do que vai ser filmado, divida-o em cenas diversas: é o que vai constituir o roteiro. Damos, para seu exame, um roteiro de filme profissional:

"Fade-in"

Cena n.º 1 — Tomada a meia distancia — Exterior — diurna.

O edifício da Prefeitura. A camera se encaminha na direção do prédio, aparecendo o título sobre-posto à cena.

Título

"Neste monumento á lei e ordem, nos encontramos para... etc." "Dissolve".

Cena n.º 2 — Tomada total — Interior — Luz artificial.

Escritório de Joe — Joe e Ted.

Joe entra trazendo o chapéu na mão. A camera realiza um pequeno movimento de panorama ligando-o à figura de Ted que se encontra sentado. Sorri e cumprimenta-o. CORTE.

O que se deve notar de importante em cada cena é a série de informações que elas apresentam: como se inicia ou termina a cena ("fade", corte ou "dissolve", etc.), número da cena, tipo de tomada, local, interna ou externa, o que vai fazer a camera, quem está em cena e o que vai realizar.

Para auxiliar o roteiro, si tiver maior cuidado, poderá estudar alguns esquemas indicando a localização da camera ou fixando um plano de composição das cenas. Com esses elementos, terá uma imagem visual do que deseja colocar em seu filme. Organize também uma lista dos objetos necessários. Reunindo tudo, estará de posse do material para dar início à filmagem.

É bem possível que possa utilizar no filme toda sua família, amigos ou mesmo um grupo de amadores. Antes de iniciar a filmagem, reúna todos os artistas e discuta com eles detalhes da produção. Faça-os conhecer a história, problemas da filmagem e tudo aquilo que oferecer interesse, para que também tenham conhecimento do que se pretende realizar e compartilhem, assim, das responsabilidades. Será a única forma de concretizar uma experiência desse gênero cooperativo.

Ha uma diferença acentuada entre dirigir um filme e uma peça teatral. No palco, a atividade está limitada à distância existente entre o proscênio e a plateia. No cinema não ha paredes delimitando o palco, e V. leva os espectadores, de uma visão ampla de um horizonte vastíssimo, ao pequeno detalhe dos lábios de sua heroína. Tudo isto em frações de segundos.

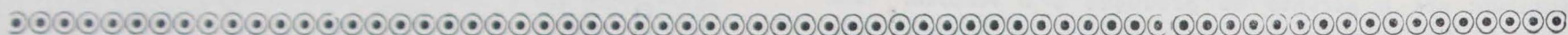
Fixados os planos finais para filmagem, reúna os atores para um ensaio. Explique o que se vai filmar e faça os artistas interpretar a cena, sem qualquer cunho de emotividade. Enquanto vão repetindo as palavras da cena, acompanhe-os pelo visor da camera, para estudar os ângulos de filmagem e até mesmo a iluminação.

Depois de colocadas as luzes e medidas com o fotômetro, focalizadas as lentes, coloque os artistas interpretando num ensaio final e si tudo sair bem, realize a tomada da cena. De uma forma geral, a primeira tomada é sempre a melhor, porque é a mais espontânea, a mais natural. Portanto, esforce-se para que a cena não seja repetida.

Num filme silencioso, o diretor tem de contar com a mímica dos artistas e uma coordenação muito inteligente para alcançar os melhores resultados. Por exemplo: poderá filmar um rapaz fotografando. Depois um "close-up" da sua cabeça com uma expressão de contentamento e admiração. O que será?... Em seguida filme uma "pequena" muito bonita... ou mesmo um belo pedaço de bolo... ou até mesmo uma camera novinha em folha: terá contado uma pequena historia, sem titulos ou dialogos.

O verdadeiro trabalho do diretor é integrar de tal forma os diversos fatores na produção de um filme que faça o espectador comentar, ao sair: "Que filme interessante!!!"

V., contudo, saberá muito bem que não é só isso e que muito mais se tornou necessário para alcançar esse sucesso.



PROJEÇÕES CINEMATOGRAFICAS

.. Prosseguem, regularmente, as atividades do Departamento Cinematográfico que vem realizando sessões quinzenais na sede social, exibindo filmes de autoria de nossos sócios.

Estas projeções, que têm sido bastante concorridas, já estão se tornando centro de maior interesse por parte dos cinegrafistas do Clube, tudo fazendo crer que iremos desenvolver um intenso programa de atividades no decorrer deste ano.

A primeira programação organizada com filmes de 16 mm. apresentou a colaboração de cinco amadores: Manoel Morales Filho, Julio Cosi Filho, Hercules A. Perna, Luiz Tanigaki e A. S. Victor.

Uma ligeira apreciação em torno de cada um dos trabalhos parece-nos oportuno apresentar e, seguindo a ordem de projeção, iniciaremos com o do Morales.

Tratava-se de um documentário das cerimônias de sagração episcopal de D. Paulo Rolim Loureiro, filmado com a Paillard-Bolex e em película Gevaert e Anso Triple S-Pan. Tratando-se de um gênero bastante difícil, com iluminação artificial congelada num só plano, o filme ainda assim apresenta cenas muito interessantes. Inteiramente filmado com a máquina no tripé, a projeção se realiza com estabilidade e, por isto mesmo agradando.

O trabalho seguinte filmado com Paillard-Bolex apresentou-nos um rápido registro feito por Hercules A. Perna de um passeio a beira-mar e que ele intitulou: "Cinco Picaretas em Férias". Apresentação interessante de letreiro; boa fotografia. Poderíamos sugerir alguns cortes e mesmo outra montagem do filme com a transposição de algumas cenas, para haver melhor continuidade.

Passamos, a seguir, o primeiro filme tirado pelo Tanigaki, também usando Paillard-Bolex, no qual ele nos mostrou cenas de um pic-nic e jogo de base-ball. De um modo geral, o filme do Tanigaki apresenta um

único e grave defeito: a permanente movimentação da camera em panoramas e zigue-zagues; instabilidade do aparelho pela falta de tripé e o uso de tele-objetiva sem o indispensável apoio. Algumas cenas do pic-nic apresentam qualidades e até mesmo algum senso de observação. As fases do jogo de base-ball já não oferecem o mesmo índice de aproveitamento. Há muita cena truncada, movimentação excessiva do aparelho o que torna desagradável a projeção. Já tivemos oportunidade de filmar alguma coisa desse dinâmico jogo americano e podemos afirmar que o mais útil seria a escolha de um ângulo bastante elevado e a utilização de uma grande angular. Para detalhes, recorrer à tele-objetiva, si possível de 152 mm..

Julio Cosi Filho nos apresentou um trabalho mais cuidado técnica e qualitativamente. Utilizou um aparelho Filmo 70DA. Trata-se de um documentário do Natal, tirado em interior. Boa iluminação, boa fotografia e um esquema de cenário bem desenvolvido. Poderíamos sugerir a exclusão dos poucos quadros em que aparecem as fotoflood em atividade e mesmo o aproveitamento exclusivo do assunto principal: a montagem da árvore de Natal e a alegria da garotinha ao abrir os inúmeros presentes. Talvez fôra possível ao jovem cinegrafista utilizar as mesmas pessoas (casal e a filha), registrando uma cena em que a pequena fosse colocada no leito; uma outra, em close-up, da garota dormindo; uma terceira, do relógio assinalando meia-noite e os pais da garotinha entrando no quarto para acordá-la. Unindo-as com as tomadas finais, acreditamos teria um trabalho bastante interessante e adequado para projeção em qualquer oportunidade. As sugestões aí estão para o Cosi estudar e aproveitar o que houver de útil.

O último filme foi um kodacrome da Ilha Bela tirado em Paillard-Bolex pelo Victor, com algumas cenas panorâmicas e detalhes de arquitetura colonial de diversas épocas.

EXIBIÇÃO DE DIAPOSITIVOS EM CORES

Palestra do Prof. Harald Schulz

O nosso velho e estimado amigo, e consocio Prof. Harald Schulz, cuja permanência nos sertões de Mato-Grosso já nos trazia saudades, retornou às suas atividades na Capital e, como não poderia deixar de ser, surgiu com abundante material fotográfico e étnico colhido entre as tribus dos índios Carajás, nas margens do rio Araguaia.

Atendendo ao nosso convite, o Prof. Schultz esteve em nossa séde na noite de 24 de março, onde teve oportunidade de nos oferecer uma magnífica projeção de diapositivos em cores, acompanhada de uma interessantíssima preleção que manteve o auditório vivamente absorvido.

Não poderíamos deixar de assinalar o acentuado gosto e apreciável valor artístico de inumeros diapositivos do ilustre etnólogo, dignos mesmo de figurar num certame especializado. A coleção divulgada aos sócios que tiveram a rara felicidade de comparecer àquela sessão, apresenta valor inestimável como documentário da vida, dos costumes e da sociedade Carajá.

Podemos nos congratular por termos em nosso quadro social um esplêndido artista e um apaixonado estudioso da nossa geografia humana, que é o Prof. Harald Schulz.

Esperamos, sinceramente, não ver interrompidas as pesquisas que vem paciente e abnegadamente realizando, bem como aguardaremos com a maior satisfação sua nova e interessante aula.

FOTO
FRITZ

P A P E I S " D E F E N D E R "

TODOS OS TAMANHOS E SUPERFÍCIES

V I S I T E - N O S

Largo do Ouvidor, 43 - Fone: 3-1840

O PRIMEIRO CONCURSO INTERNO

Cont. da pag. 13

Principalmente em "Sinfonia em alumínio" (n.º 80) bela composição, de corte impecável, com a qual obteve merecida "menção honrosa". Hercules Perna, Knoche, Florence, Trovato, Trussardi, são outros "novíssimos" que se apresentam de forma a despertar grandes esperanças quanto às suas próximas produções.

De todos os "novos", porém, destacam-se sobremaneira neste concurso, quer pelo equilíbrio entre seus trabalhos quer pela forma de interpretar os assuntos colhidos, Sergio Trevelin, cuja fotografia "Sete colunas" (n.º 128), é, sem favor, uma das melhores deste concurso: Paulo S. Takasama que sobressae com "Praia" (n.º 121) e "Ilha bela" (n.º 120), muito bem executados e, finalmente, Astério Rocha que desde o último concurso em que tomou parte, se não nos enganamos em meados do ano passado, revela um progresso verdadeiramente extraordinário. Os cinco trabalhos com que Astério participou deste concurso, contam-se entre os melhores e demonstram que o diligente aficcionado aproveitou muito bem sua recente viagem ao norte do país.

Pelo brilhantismo deste primeiro concurso interno, estão pois os bandeirantes de parabens.

✱

CONCURSOS INTERNOS

O concurso de abril — De conformidade com o calendário elaborado, será realizado no próximo mês de abril mais um concurso fotográfico interno. O tema, será de livre escolha do concorrente, e as inscrições serão encerradas a 20 do respectivo mês, devendo os trabalhos obedecer às condições constantes do Regulamento de Concursos Internos.

Os próximos concursos — Nos próximos meses, os concursos versarão sobre os seguintes temas:

Maio — retratos e figuras ao ar livre.

Junho — Tema livre.

Julho — noturnos

Agosto — tema livre

Setembro — cristais e metais

Outubro e novembro — não haverá concursos em virtude da realização do VIII Salão Internacional de São Paulo, promovido pelo Clube.

Dezembro — tema livre.

✱

Pede-nos o Sr. Diretor Auxiliar de Concursos, chamar a atenção dos concorrentes para que tragam os seus trabalhos já montados, nos termos do Regulamento. Os que não preencherem esta condição não serão inscritos.

✱

NOVOS SOCIOS

Na última reunião da Diretoria, foram aprovadas mais as seguintes propostas para o quadro social: Inscrições ns. 605, Licio Fernandes; 606, Ayao Takayama, de Pereira Barreto, S. P.; 607, Kazuo Kawahara; 608, Renato Francesconi; 609, Milton Santiago Teixeira, de S. João Del Rei, Minas Gerais; 610, José Rogik Vieira; 611, Americo S. Proto; 612, Dr. Nelson da Cunha e 613, Albertino dos Santos, de Manaus, Amazonas.

CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1949-50

Pelo Diretor de Intercambio, foi organizado o calendário abaixo de salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1949 e princípio de 1950, no estrangeiro, e aos quais o Clube concorrerá em representações coletivas de seus associados.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entidades congêneres que mantem intercambio com o Fc. C. B., concorrendo com

idênticas representações ao Salão Internacional de São Paulo.

Foram considerados apenas os salões que se realizam impreterivelmente, todos os anos, o que não impedirá de a relação serem acrescentados, posteriormente, outros salões e certames promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o nosso Clube.

SALÕES	CIRCUITOS	N.º de trabs.	Datas de entrega no Clube
5.º " " " Adelaide (Austrália)	Sidney, Melbourne e Nova Zelandia	4	30 de Abril
37.º " " " Paris (França)	Holanda, Luxemburgo e Checoslováquia (prováveis)	4	12 de Maio
3.º " " " da Dinamarca	Suécia e Noruega (prováveis)	4	19 de Maio
10.º " " " Três Arroyos (Argentina)	_____	5	28 de Maio
" " " F. K. Iris (Antuérpia)	Gand, Charleroi e outros da Bélgica	4	4 de Junho
5.º " " " do F. C. Buenos Aires (Argentina)	_____	4	30 de Junho
8.º " " " da Chicago H. Soc. (Chicago)	Outros salões dos E.E.U.U.	4	16 de Julho
3.º " " " de Retratos de Bolonha (Itália)	_____	4	25 de Julho
13.º " " " Int. do Chile (Santiago)	_____	4	6 de Agosto
13.º " " " Int. do F. C. Argentino (Buenos Aires - Argentina)	_____	4	29 de Agosto
" " " Int. do Soproni F. K. (Hungria)	Outros salões da Hungria e Austria	4	11 de Setembro
7.º Concurso Esportivo do C. A. Provincial de Rosário (Argentina)	_____	6	24 de Setembro
3.º Salão Int. de Cuba (1950)	_____	4	1 de Outubro
13.º " " " Portugal (1950)	_____	4	31 de Outubro
14.º " " " Johannesburg - Africa do Sul - 1950	Cape Town, Port Elizabeth e Durban	4	5 de Novembro
" " " da "Irish" (Dublin - Irlanda) (1950)	Outros salões da Irlanda (prov.)	4	3 de Dezembro

KOSMOS FOTO

ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS
RUA SÃO BENTO, 288 - TEL 2-5882
SÃO PAULO

GUARDE BEM ÊSTE NOME:



Defender

FILMES • PAPÉIS • DROGAS

● Onde çuer que seja — em terra, no mar, no ar... em interiores ou ao ar livre... onde çuer que a luz e a sombra teçam suas admiráveis combinações... onde houver uma cena que valha a pena fotografar — há sempre uma oportunidade para fotografias melhores, com material "Defender". Um filme para cada motivo, um papel para interpretar tôdas as qualidades contidas no negativo, drogas para revelar os seus mais belos e menores detalhes... na completa linha de produtos "Defender" — em sua característica embalagem azul e amarela.



E. I. DU PONT DE NEMOURS & COMPANY INC.

representada no Brasil pela

INDÚSTRIAS QUÍMICAS BRASILEIRAS "DUPERIAL" S. A.

MATR Z: SÃO PAULO, RUA XAVIER DE TOLEDO, 14, 8.º ANDAR

FLIAL: PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO E PÓRTO ALEGRE





bolex

FILMADORES, PROJETOES 8 e 16 mm.
OBJETIVAS "CINE" KERN, ACCESSÓRIOS
COMPLETOS PARA CINEMATOGRAFIA
SERVIÇO E PEÇAS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

BRASPORT

LIMITADA

RUA AURORA, 955 — 4-0017
FILIAL NO RIO: RUA MEXICO, 128
★ VENDA SÓ POR ATACADO ★

Segurança Industrial

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

FUNDADA EM 1919

CAPITAL REALIZADO:— Cr.\$ 4.000.000,00

SEGUROS:— Incêndio, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Ferroviários, Marítimos, Aeronáuticos, Automóveis, Roubo e Responsabilidade Civil.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31/12/48 — Cr.\$ 39.352.220,10
Sinistros pagos até 31/12/48 — Cr.\$ 247.663.390,60

PRESIDENTE

ANTONIO PRADO JUNIOR

MATRIZ: Avenida Rio Branco, 137 — (Edifício Guinle)

End. Telegr.: "SECURITAS" — RIO DE JANEIRO

SUCURSAL EM SÃO PAULO: Rua Boa Vista, 127 - 5.º andar - Prédio Pirapitinguí

Telefones:— 2-3161 a 2-3165

J. J. ROOS — GERENTE - GERAL

A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS